

AGRICULTURA E SUSTENTABILIDADE

Monteblanco, S.A. M. (CPG Educação Ambiental -UFSM), Link, D. (CCR-UFSM, 97105-900, Santa Maria – RS. E-mail : <dlink@ccr.ufsm.br>

A partir de meados da década de 1960, vários países latino-americanos enganaram-se na chamada “Revolução Verde”, fundamentada basicamente em princípios de aumento da produtividade através do uso intensivo de insumos químicos, de variedades de alto rendimento melhoradas geneticamente, da irrigação e mecanização, criando a idéia que passou a ser conhecida com freqüência, como a era da agricultura tecnológica.

Todo o ideário da transformação produtiva e tecnológica da agricultura brasileira nos últimos 20 anos, teve o padrão tecnológico americano como modelo.

Vários problemas ocorrem desde esta época no que tange à desigualdade social e, especialmente, à sustentabilidade econômica e ecológica da produção agrícola no longo prazo. No plano econômico, destaca-se a elevação expressiva de rendimentos ou de produtividade de alguns cultivos/atividades, o encarecimento da utilização dos insumos e queda dos preços recebidos pelos agricultores. Quanto ao plano ecológico, destacam-se os problemas relacionados à dilapidação das florestas tropicais e da biodiversidade, à erosão e degradação dos solos agrícolas, à poluição e esgotamento dos recursos naturais não renováveis, entre outros.

No final da década de 1980, na literatura sobre a agricultura mundial, o qualitativo sustentável passa a atrair a atenção de um número crescente de profissionais, pesquisadores e agricultores, fazendo surgir uma infinidade de definições sobre o termo. Hoje, através de diferentes manifestações, os termos agricultura e desenvolvimento sustentáveis indicam um anseio a um novo paradigma tecnológico que não agrida o ambiente, servindo para explicar a insatisfação com a agricultura convencional ou moderna.

Entre as diferentes visões, a estratégia de desenvolvimento agrícola sustentável tem como filosofia neutralizar ou minimizar os efeitos das perturbações antrópicas no ambiente. Essas perturbações tornam um agroecossistema “insustentável”, segundo ALTIERI (1993).

No que se refere às práticas agrícolas e à utilização dos recursos naturais, muitas definições incluem a redução do uso de agroquímicos e de fertilizantes sintéticos solúveis, o controle da erosão, a rotação de culturas, a integração lavoura pecuária e a busca de novas fontes de energia (EHLERS, 1994).

ALTIERI (1993) já se referia à sustentabilidade, como a habilidade de um agroecossistema em manter a produção através do tempo, face a distúrbios ecológicos e pressões sócio-econômicas de longo prazo.

No Brasil, a agricultura sustentável estava, inicialmente muito ligada às tecnologias “alternativas” como resposta aos problemas ambientais em oposição ao uso das tecnologias “modernas” (ALMEIDA, 1993).

Segundo o Centro de Tecnologias Alternativas Populares, a agricultura sustentável é aquela que está voltada para a produção de alimentos saudáveis para a população, com base em sistemas diversificados que restaurem as condições ecológicas da produção, entre outros, encarando os sistemas agrários como ecossistemas cultivados, cuja reprodução ecológica e social deve balizar os métodos de exploração econômica (CETAP, 1995).

Observando a diversidade de definições acerca da noção de sustentabilidade para a agricultura, percebe-se múltiplas imprecisões conceituais, dúbidas e até mesmo, contradições. Por ter uma ampla área de abrangência, a idéia de desenvolvimento sustentável está a exigir o estabelecimento de parâmetros bem mais complexos do que aqueles passados para a agricultura. E, por ser o desenvolvimento um termo muito elástico, permite abrigar diferentes concepções de crescimento econômico e da utilização/gestão dos recursos naturais, gerando dúbidas, não apenas conceituais mas, principalmente, das implicações desse termo.

Os organismos oficiais têm se esforçado para alcançar uma conceituação, capaz de ser aceita pela maioria dos atores e agentes econômicos envolvidos com o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Também não há consenso acerca das vias de crescimento econômico que devem ser seguidas na perspectiva de desenvolvimento sustentável (REDCLIFT, 1987).

Outra dificuldade reside no caráter interdisciplinar da noção de agricultura sustentável. Áreas do conhecimento como a biologia, ecologia, agronomia, sociologia e economia, entre outras, devem ser integradas para uma maior e melhor compreensão dos sistemas agrícolas. O que se vê, quando se fala em desenvolvimento sustentável, são preocupações e discussões mais voltadas para o "natural" e menos para o "social". A questão da erosão dos solos, da contaminação dos recursos hídricos e a destruição das florestas têm predominado nos debates sem, contudo, apresentação de soluções adequadas aos problemas.

A imprecisão conceitual da agricultura sustentável permite agregar em torno de si diferentes posições, desde aqueles que propõem a redução de insumos químicos até os que buscam alternativas novas na forma de uso dos agroquímicos.

O debate atual em torno da agricultura sustentável parece estar polarizado por duas vertentes: de um lado, aqueles que pensam este tipo de agricultura como objetivo ou projeto e, de outro, os que querem estabelecer e implantar um conjunto de práticas ou regras produtivas mais "ambientalistas" (EHLERS, 1994, ALMEIDA, 1996).

O que se pode pensar é que haverá uma "evolução" do atual modelo de produção agrícola numa nova direção, ainda não muito clara mas, que deverá combinar elementos de várias propostas alternativas e de um "melhoramento" das práticas convencionais.

O grande desafio reside na capacidade de fazer com que as necessidades dos grupos sociais possam ser atendidas a partir da gestão democrática da diversidade, sem perder de vista o conjunto da sociedade.

O verdadeiro "modelo" de desenvolvimento seria aquele rico em alternativas, capaz de enfrentar com novas soluções a crise social e ambiental.

É necessário conceber um desenvolvimento que tenha nas prioridades sociais, sua razão primeira, transformando, através da participação política, a reestruturação de sua sociedade visando à sustentação da vida e a manutenção de sua diversidade plena.

ALMEIDA, J. *Agriculteurs de la deuxième chance: un regard sur les (ré)actions de contestation et la mouvance alternative dans l'agriculture du Brésil Méridional*. Nanterre: Université de Paris X, 1993. (Tese de doutorado).

ALMEIDA, J. Significados sociais, desafios e potencialidades da agroecologia. Porto Alegre, 1996. In: FERREIRA, A.D., BRANDEMBERG, A. (ed.). *Outra Agricultura*. Curitiba: UFPR, (no prelo).

ALTIERI, M. Sustainability and the rural poor: a Latin American perspective. In: ALLEN, P. *Food for the future*. New York: John Wiley & Sons, 1993. P. 193-209.

CETAP - CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS POPULARES. *Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável (versão preliminar)*. Portão: CETAP, maio de 1995 (datilografado).

EHLERS, E.M. *O que se entende por agricultura sustentável?* São Paulo: Procam/USP, nov. 1994 (Dissertação de Mestrado).

REDCLIFT, M. *Sustainable development: exploring the contradictions*. London and New York: Methuen, 1987.